REVISTA BRASILEIRA DE PESQUISA EM TURISMO

ECOTURISMO: AS PRÁTICAS NA NATUREZA E A NATUREZA DAS PRÁTICAS EM BONITO, MS

ECOTOURISM: PRATICES IN NATURE AND NATURE OF PRACTICE IN BONITO, MS

Heros Augusto Santos Lobo[1]
Edvaldo Cesar Moretti[2]

Resumo: O município de Bonito é o precursor do desenvolvimento turístico da Serra da Bodoquena. A geologia, a geomorfologia e a hidrografia da região propiciam a formação de uma paisagem diferenciada, repleta de cavernas, cachoeiras, rios de águas límpidas e uma rica biodiversidade – atrativos para o ecoturismo. Partindo deste cenário, buscou-se responder o seguinte questionamento: como se dá a relação entre a produção e apropriação, do e pelo turismo, com a conservação da natureza em Bonito? O objetivo da pesquisa foi analisar a apropriação da natureza e a estrutura da atividade turística em Bonito, sob o ideário de ecoturismo – rotulado ao município – e com vistas à sustentabilidade ecológica. Para tanto, a pesquisa exploratória realizada incluiu levantamentos bibliográficos, documentais e de campo. Os resultados apresentam informações sobre o histórico, principais atrativos e fluxos de visitação do município. As discussões estão centradas nas contradições entre as práticas turísticas e o ideário de ecoturismo. As conclusões apresentam reflexões e questionamentos sobre o papel conservacionista do turismo, sobre a massificação e artificialização dos roteiros ecoturísticos e sobre as perspectivas futuras para o turismo em Bonito.

Palavras-chave: Ecoturismo. Conservação Ambiental. Gestão Sustentável.

Abstract: *Bonito Municipality is the forerunner of tourism development in Serra da Bodoquena (Bodoquena Hills Area). The geology, the geomorphology and the hydrography of this region provide a different landscape, full of caves, waterfalls, rivers, clear waters and a rich biodiversity which makes it attractive for ecotourism. This research tried to answer the following question: how are production of tourism, tourism appropriation of spaces and conservation of nature related in Bonito? The aim*

[1] Bacharel em Turismo (UAM), especialista em Gestão e Manejo Ambiental em Sistemas Florestais (UFLA), mestre em Geografia (UFMS), doutorando em Geociências e Meio Ambiente (UNESP/Rio Claro),membro do Conselho Deliberativo e Coordenador da Seção de Espeleoturismo da Sociedade Brasileira de Espeleologia – SBE. heroslobo@hotmail.com

[2] Graduado, especialista, mestre e doutor em Geografia (UNESP/Rio Claro), pós-doutor em Geografia (UNICAMP), professor adjunto da Universidade Federal da Grande Dourados – UFGD/MS, presidente (gestão 2006-2008) da Associação dos Geógrafos Brasileiros – AGB. emoretti@ufgd.edu.br

ISSN: 1982-6125

was to analyze the appropriation of nature and the structure of tourism in Bonito, associated to the ideals of ecotourism and ecological sustainability attached to local administration labels. Exploratory research was undertaken including bibliographical, documentary and field investigations. The results provide information about the history, main attractions and flows of visitation to the area. Discussions focus in the contradictions between the practices and ideas of ecotourism. The conclusions bring questions and reflections about the role of tourism in conservation issues, about massification and artificialization of ecotourism as well as future perspectives for tourism in Bonito.

Key-words*: Ecotourism. Environmental Conservation. Sustainable Management*.

Introdução

O turismo está entre os recentes fenômenos de mercado que se consolidaram enquanto atividade de grande importância econômica, promovendo a transformação dos territórios onde se desenvolve por requerer estruturas próprias para sua existência. A sua lógica de produção espacial traz valor de uso a espaços que antes não eram apropriados pelo mercado. O turismo, assim como outras atividades antrópicas, também gera impactos negativos à natureza, principalmente quando desenvolvido de forma descontrolada e concentrada no tempo e no espaço.

O município de Bonito, localizado na Serra da Bodoquena, Sudoeste do Estado de Mato Grosso do Sul é uma típica localidade aonde estas transformações ocorrem. O município é o principal chamariz para o turismo de natureza na região, que engloba os municípios de Jardim e Bodoquena (Figura 1) A natureza é seu grande atrativo, e sua respectiva fragilidade o maior limitante ao turismo. Desde meados dos anos noventa, vem sendo re-territorializado pelo turismo.

ISSN: 1982-6125

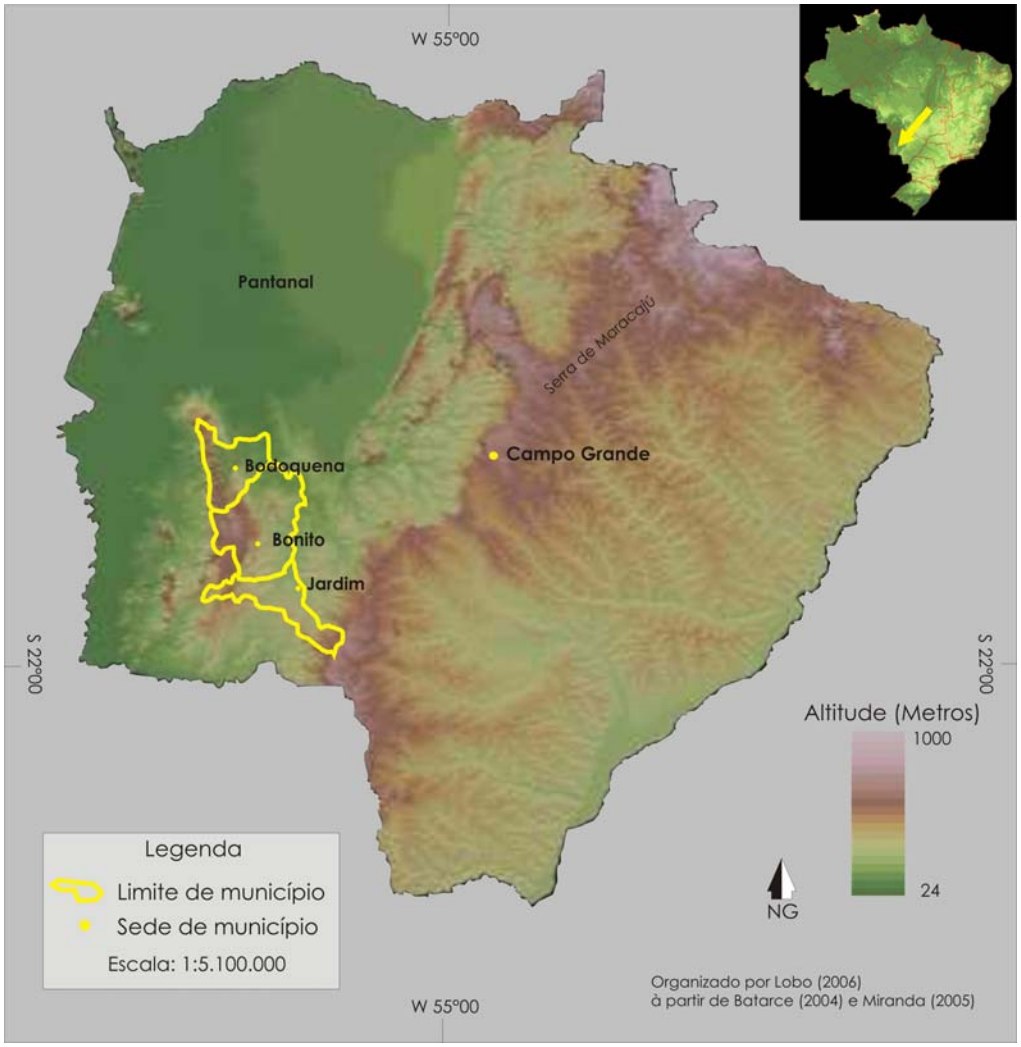

Figura 1 – Região Turística da Serra da Bodoquena sobre imagem de relevo do Estado de Mato Grosso do Sul
Fonte: Organizado por Lobo (2006) a partir de Bartace e Miranda (2005)

Neste contexto, a inserção do turismo no ambiente natural deve ser balizada em uma perspectiva de mínimo impacto ambiental negativo. A sensibilidade do patrimônio natural exige que sejam estipulados rigorosos limites para a visitação. Por sua vez, o turismo enquanto mercadoria preconiza um aumento em seus fluxos, para ampliar os seus lucros e a distribuição dos benefícios por ele gerados. Encontra-se aí uma questão paradigmática, um embate ético-ideológico que toma o mote da conservação ambiental como uma barreira. As possibilidades de crescimento econômico “sustentável” são usadas

ISSN: 1982-6125

como justificativas para desenvolver o ecoturismo, sob o pretexto de que a atividade atua na conservação do ambiente. Sobre tais questões, que aparecem como contraditórias, mas que de fato são decorrentes e integrantes do processo de apropriação do patrimônio natural, estabeleceu-se neste trabalho o principal eixo de análise e discussão.

Face aos pontos expostos, levantou-se o seguinte questionamento: como se dá a relação entre a produção e apropriação, do e pelo turismo, com a conservação da natureza em Bonito? A tentativa de buscar subsídios para desvelar a questão apresentada se consolida por meio de um objetivo principal: analisar a apropriação da natureza e a estrutura da atividade turística em Bonito, sob o ideário de ecoturismo – rotulado ao município – e com vistas à sustentabilidade ecológica.

Os métodos utilizados para a realização da pesquisa de mestrado que deu origem a este artigo compreenderam as seguintes etapas e procedimentos: definição da área de estudo; levantamentos bibliográficos sobre os principais temas ora abordados: o turismo de natureza e o turismo na Serra da Bodoquena; pesquisas de campo, com visitas em diversos atrativos para verificar as relações entre as atividades turísticas existentes e a conservação do patrimônio natural.

Turismo de natureza: ideários, territorialidades e conseqüências

O entendimento de natureza presente na contemporaneidade possui raízes históricas que se fundamentam, pelo menos, nos últimos cinco séculos de desenvolvimento da sociedade. Thomas (2001) analisa as transformações culturais vivenciadas pelos ingleses e seus conseqüentes reflexos na forma de compreender a natureza no período compreendido entre os anos 1500 e 1800. Sua análise demonstra que o ideário de natureza se processa em diversas fases, indo das linhas geométricas dos jardins ingleses, passando pela revalorização da vida no campo e da paisagem cultivada, aperfeiçoada pelo

ISSN: 1982-6125

homem, culminando, ao fim do século XVIII, com o entendimento da paisagem selvagem como fonte de renovação para o ser humano. Tal compreensão era também reforçada pela Igreja, de forma a ressaltar a perfeição da obra divina. Elementos e formas da natureza, como as montanhas e as cavernas, que até então eram tidas como amaldiçoadas, passaram a ser cobiçadas, atrativas. Essa transformação se dá em função do Romantismo (MORETTI, 2001). Ainda no século XVIII, se inicia a relação entre o turismo e a natureza (RUSCHMANN, 2004).

Este processo culmina, em 1872, na criação da primeira área protegida do mundo, o Parque Nacional de Yellowstone. Desde então, a maioria das áreas naturais protegidas têm seguido o seu exemplo buscando a separação de espaços que possuam, em sua essência, características de natureza intocada e selvagem – o ideário de wilderness. Historicamente, e ainda hoje, as áreas naturais protegidas – no Brasil representadas pelas Unidades de Conservação, UCs – têm sido de acesso privilegiado de certos grupos restritos: ambientalistas, cientistas, detentores de poderes intelectuais, políticos ou financeiros. Diegues (2000, p. 69) classifica-os como “os guardiões desse mito moderno de natureza intocada”. No fim do Século XIX e início do Século XX, caracteriza-se a expansão de um turismo elitizado, marcado pela artificialização da natureza por meio da construção de cassinos à beira-mar e estradas de ferro nas montanhas. Rejowski *et al*. (2005) comentam também que as montanhas passaram a exercer um fascínio especial à mesma época, por conta da valorização das artes e para tratamentos medicinais.

O ideário de natureza intocada e selvagem retoma a concepção edênica, onde a natureza é subjugada ao ser humano. Traz também o entendimento de que os seres humanos e os demais seres vivos pertencem a categorias distintas – uma separação de base cultural, e não natural.

A vida nas sociedades contemporâneas, atribulada e focada nas facilidades das cidades, torna estas áreas ainda mais especiais sob a ótica do turista, que vislumbra na natureza um momento de ruptura com a sua vida

ISSN: 1982-6125

ordinária (GRABURN, 1995). Conhecer o paraíso no turismo representa a renovação das energias mentais e a busca do equilíbrio pessoal (RUSCHMANN, 2004), embora não deixe de ser, também, um ato de consumo.

Bihr (1999) entende que essa concepção de natureza intocada a coloca num patamar cada vez mais distanciado do ser humano, transformando-a no lugar onde estes simplesmente desenvolvem suas territorialidades. As territorialidades vão além do espaço ocupado, territorializado, pois representam também as identidades geradas em função das transformações espaciais ocorridas (PORTO GONÇALVES, 2004). Ao considerar a relação entre o turismo e o ideário de natureza, percebe-se que a territorialidade turística é gerada sobre a influência e lógica do mercado. A natureza intocada é transformada em produto cobiçado, a partir do momento que sua potencialidade de atração passa a ser encarada como mercadoria.

Ignarra (2002) e Dias (2003) afirmam que o turismo, ao se apropriar da natureza, auxilia em sua conservação, pois dá um sentido de valor a espaços que poderiam ser apropriados por outras atividades mais destrutivas e/ou danosas. A análise dos autores é relativa, mas revela que, dentro das possibilidades de conciliação entre as territorialidades humanas e o meio natural ocupado, o turismo está entre as que causam menores danos ao ambiente, e em escalas mais diluídas de tempo.

Na contemporaneidade, o ideário de ecoturismo busca se destacar quanto à relação já existente entre o turismo e a natureza. Para que uma atividade seja considerada como ecoturismo, ela precisa ser desenvolvida de forma a levar o turista a se portar tal qual um elo entre o uso, a conservação do ambiente e de forma respeitosa em relação às comunidades locais (BRASIL, 1994). Pires (2002) acrescenta que o ecoturismo pode ser compreendido sob dois vieses conceituais: o do turismo sustentável e o do turismo de natureza. Em ambos os casos, o autor menciona o aumento no compromisso com a natureza e/ou com as questões ambientais na produção da atividade.

ISSN: 1982-6125

Considerada a teoria apresentada sobre o ecoturismo, tornar-se-ia possível dizer que a sua territorialidade causa menos impactos negativos à natureza. Mas essa afirmação se desfaz a partir dos estudos dos lugares onde o chamado ecoturismo é desenvolvido. Na maioria das vezes, o que se observa é a existência de um turismo massificado em áreas naturais, com uma roupagem um pouco diferente. Nem por isso pode-se dizer que o ecoturismo seja um disfarce para o consumo desenfreado da natureza, pois as pesquisas sobre o perfil do ecoturista (e.g. KADOTA et al., 2004; NIEFER, 2004) demonstram que a atividade é altamente elitizada.

As diversas territorialidades do turismo na natureza se asseguram em função da riqueza do conjunto de paisagens que simbolizam uma forma de retorno à vida primitiva do ser humano (SOARES; PIRES, 2004), de modo que a atividade se torna melhor à medida que aumenta a noção de wilderness. Também se asseguram pela possibilidade de adquirir status social por ter visitado lugares que poucas pessoas têm acesso (COBRA, 2001; MORAIS; CASTRO, 2005). Além disso, as territorialidades se dão em função das motivações e percepções dos turistas e da artificialização do espaço pela técnica. A natureza intocada, ao mesmo tempo em que é almejada pelos turistas, precisa ser transformada para se tornar acessível às suas necessidades de consumo e segurança. Moretti (2001) lembra que isto elimina a “aventura”, uma característica intrínseca ao ideário de *wilderness* e que consiste em uma territorialidade turística à parte, face à artificialização e ao domínio da técnica.

As implicações destas transformações da natureza para fins turísticos precisam ser analisadas sob duas perspectivas distintas na ótica do comportamento do turista. Para o ecoturista habitual – aquele que viaja para as mais diferentes áreas naturais buscando uma experiência mais direta no contato com a natureza – a artificialização pode ser um problema, dado que as facilidades desestimulam este tipo de turista a fazer suas viagens (WEARING; NEIL, 2000). Para os turistas que esporadicamente se colocam nas condições

ISSN: 1982-6125

dos ecoturistas, as facilidades se fazem necessárias, já que estes buscam a vivência de experiências mais tênues em meio à natureza, onde a sensação plena de segurança e o conforto estão em primeiro plano. De fato, buscam o simulacro de se parecer com verdadeiros aventureiros (SPINK *et al.*, 2005), mas sem se sujeitar às mesmas condições que estes vivenciam em suas aventuras.

Outro aspecto conseqüente da relação entre o turismo e a natureza é o impacto ambiental. Ruschmann (2004) afirma que os impactos do turismo correspondem às modificações que a atividade gera onde se desenvolve, possuindo características diversificadas de intensidade e natureza. Diversos trabalhos na literatura nacional e internacional abordam e/ou explicam as diferentes categorias e formas de impactos ambientais do turismo na natureza. Trabalhos como os de Salvati (2000) e Soldatelli (2005) apresentam estes impactos de forma sintética e objetiva, considerando o solo, a fauna, a flora, os recursos hídricos, a geologia, a geomorfologia, o ar, os vestígios arqueológicos e paleontológicos e a estética das paisagens.

Como se percebe, as conseqüências negativas do turismo para a natureza podem ser muito extensas. A sua mitigação não é simples, e demanda ações que vão além do caráter pontual. Isso porque muitos dos impactos são indiretos, como por exemplo, as alterações no comportamento reprodutivo dos animais (SABINO; ANDRADE, 2003). Os impactos ambientais negativos são componentes básicos do turismo, e admiti-los pode significar uma melhor compreensão do turismo de natureza. Mesmo nas atividades chamadas de ecoturismo, muitos destes impactos persistem. A diferença, muitas vezes, consiste em sua intensidade, escala e abrangência.

Resultados e discussões

O município de Bonito, precursor do turismo na Serra da Bodoquena, era uma típica cidade interiorana brasileira, de economia pautada basicamente na

ISSN: 1982-6125

agropecuária. Até os anos setenta, os atuais atrativos turísticos eram utilizados como espaços de lazer pelos moradores locais, sendo pouco conhecidos por pessoas de outras localidades. As atividades consistiam basicamente em banhos e recreação nos rios e cachoeiras, e na pesca, inclusive de arpão, realizadas com a anuência dos proprietários rurais (BARBOSA; ZAMBONI, 2000; VARGAS, 2001). O café despontava como una nova perspectiva econômica, recebendo incentivos políticos e financeiros, sobretudo por parte do Instituto Brasileiro do Café – IBC. Tal expectativa não se confirmou, pois as lavouras não apresentaram a produtividade esperada (VARGAS, 2001).

Nos anos oitenta, a Serra da Bodoquena voltou a ocupar o espaço das expectativas de desenvolvimento econômico no Estado de Mato Grosso do Sul. Essa fase foi fomentada pelos estudos de potencial para mineração, feitos pela Companhia de Pesquisas de Recursos Minerais – CPRM –, no final da década anterior. A construção da Fábrica de Cimento Eldorado da Camargo Corrêa, em Bodoquena, contribuiu para o fortalecimento desse panorama, gerando grande expectativa de aumento no número de empregos no município. Entretanto, a fragilidade ambiental era cada vez mais ressaltada, por meio dos Estudos de Impactos Ambientais – EIAs – para a concessão de lavras minerárias, e pela pressão de grupos ambientalistas e da população local.

Ao fim do período, e já com a mineração perdendo seu status de nova perspectiva para o crescimento econômico, a Prefeitura Municipal de Bonito desapropriou a área do atual Balneário Municipal, em 1988, no intuito de fornecer novas perspectivas de lazer aos munícipes (BOGGIANI, 2001). Foi também nos anos oitenta que a prefeitura de Bonito editou o primeiro folheto de divulgação do município, ressaltando seu potencial turístico (MARIANI, 2003). Além do Balneário Municipal, outros atrativos como a Gruta do Lago Azul, a Ilha do Padre, os rios do Peixe e Sucuri e o Aquário Natural também começaram a receber turistas. Desta época, remontam algumas tentativas desastrosas de estruturação para a visitação turística. Destaca-se a supressão de matas ciliares para a construção de escadas e decks de acesso em

ISSN: 1982-6125

alvenaria, substituindo as margens naturais dos rios em alguns balneários e passeios de flutuação.

Na seqüência, outras ações passaram a ser desenvolvidas em Bonito, que começou a receber um número cada vez maior de turistas oriundos de diversas regiões do país. Os passeios de bote, o aumento nas visitas às cachoeiras, rios de águas cristalinas e à Gruta do Lago Azul, a criação de agências de turismo e estruturas de atendimento ao turista, foram reflexo e, ao mesmo tempo, justificativa para o pré-turismo em Bonito. O acesso à região era considerado um problema até 1992, quando se iniciou o asfaltamento da Rodovia MS-382 entre Bonito e Guia Lopes de Laguna, concluído em 1999 (BARBOSA; ZAMBONI, 2000; BOGGIANI, 2001; VARGAS, 2001).

Mas os aspectos que levaram ao crescimento definitivo do turismo em Bonito, na opinião de Boggiani (2001), foram a realização do primeiro curso de guias de turismo, entre 1992 e 1993, e a expedição Franco-Brasileira Bonito' 92. Essa última foi responsável pela exploração do lago da Gruta do Lago Azul, o que gerou descobertas paleontológicas e imagens na mídia televisiva. Antes da exposição de Bonito na televisão "a cidade não poderia ser considerada destino turístico, pois o fluxo de visitantes, turistas e excursionistas não demandava grandes alterações na oferta turística municipal" (GRECHI, 2002, p. 11). Ao mesmo tempo, cresceram as preocupações com os limites de visitação dos atrativos, visando diminuir a sua degradação e aumentar a segurança dos turistas.

As mudanças que o turismo trouxe para a economia local podem ser observadas, entre outros, por meio dos dados apurados por Lomba (2004). A agricultura teve sua área significativamente diminuída, ocupando em 2002 aproximadamente 25% da área que ocupava em 1986. O autor atribui a diminuição a três fatores básicos: crise na agricultura, ampliação do discurso ambientalista e crescimento do turismo. Além disso, o autor também aponta outros indícios da substituição da natureza das atividades econômicas no

ISSN: 1982-6125

município, como o aumento no consumo de energia elétrica no campo e o fortalecimento do comércio.

Pode-se dizer então que uma nova territorialidade, baseada no turismo e no paradigma da sustentabilidade, vem se desenvolvendo em Bonito e alguns de seus municípios vizinhos. O turismo, como nova atividade econômica e fenômeno socioambiental de revalorização do local em função do global; a sustentabilidade, enquanto imagem de um turismo responsável e ecologicamente viável. A princípio, as transformações nas relações de produção e no território se deram em Bonito e, posteriormente, em Jardim e Bodoquena – embora em menores proporções.

Uma das evidências das transformações geradas por meio do turismo é a criação de uma nova cadeia de estabelecimentos comerciais e de empregos, em sua maioria sazonais. Em Bonito, as ruas principais da cidade e algumas edificações foram adaptadas para a criação de uma rede de produtos e serviços voltados aos turistas. Estabelecimentos comerciais e prestadores de serviços turísticos foram e continuam sendo criados para atender as suas necessidades.

Entretanto, a base para a produção das transformações no território gira em torno daqueles que são as maiores motivações de viagem dos turistas: os atrativos naturais. É por meio deles que se percebe a nova relação posta entre o ser humano e a natureza. Rios de águas límpidas, cachoeiras que mudam de tamanho, cavernas, fragmentos florestais conservados e outros elementos, fazem de Bonito um típico, porém diferenciado, destino de turismo de natureza.

O destino Bonito se vende como ecoturístico. Também se proclama como detentor de um turismo sustentável. Todavia, ele não poderia ser assim chamado, se observadas as teorias já existentes sobre tais formas de turismo. É certo que ao analisar a relação entre o custo ambiental versus o benefício social gerado pelo turismo na região, pode-se obter um resultado relativamente positivo. O turismo, causador de impactos ambientais como

ISSN: 1982-6125

qualquer outra atividade antrópica, não causa os mesmos danos ao meio físico que a mineração – que consome e transforma os recursos necessários para sua existência. Também não apresenta os mesmos níveis de desmatamento e transformação da paisagem que a agropecuária, dado que necessita da natureza conservada para sua existência. Apesar disso, o turismo ainda se encontra num patamar distante de um ideal de sustentabilidade. Em primeiro momento, não se pode afirmar que existe uma relação de simbiose (SOLDATELLI, 2005) entre o turismo e o meio natural. De fato, a relação simbiótica seria necessária para uma inserção mais holística do turismo realizado em Bonito nos preceitos de ecoturismo. Mas alguns fatos permitem afirmar o contrário:

a) Conservação da natureza em função de seu valor enquanto mercadoria: a natureza não é conservada, prioritariamente, pelo seu valor enquanto patrimônio para a humanidade ou por sua importância ecológica, mas, sobretudo, pelo valor que pode adquirir como produto turístico.

Soa até contraditório que seja oficialmente dado um destaque aos proprietários rurais enquanto agentes de conservação, afirmando-se que “o ponto alto dessa geração de sinergias positivas para o turismo tem sido a preocupação dos proprietários rurais, outrora contribuintes da degradação ambiental e, atualmente, seus defensores” (MATO GROSSO DO SUL, 2002, p. 39), quando mais de 70% da vegetação original da região já foi subtraída. Essa mudança de postura dos proprietários não deve ser necessariamente anexada a um aumento de consciência ecológica, pois fatores como a lucratividade do turismo, a falta de mais terras apropriadas para a agropecuária e os problemas nas cadeias produtivas da soja e do gado precisam ser considerados. Chamar os proprietários rurais de agentes de conservação pode significar a simplificação demasiada do processo, no intuito de demonstrar uma faceta forçadamente positiva na relação entre o turismo e

ISSN: 1982-6125

a conservação ambiental. Além disso, há que se considerar também o preço da troca da atividade econômica que é desenvolvida em determinadas propriedades rurais. Ao invés de lucrar com a pecuária e a mineração, muitos proprietários de terra passaram a ter o turismo como sua principal fonte de renda. Embora, como já visto, seja uma atividade menos danosa ao meio, isto não implica necessariamente na adoção de uma perspectiva ecologicamente mais sustentável por parte dos proprietários, dado que estes certamente não aceitam a diminuição dos lucros. Nesse caso, a conservação da natureza não advém de um processo de conscientização ambiental e de uma mudança de postura, mas sim, como um bônus do turismo, por gerar atratividade;

b) Descumprimento da legislação ambiental e desrespeito aos limites de visitação: mesmo na questão do uso turístico, muitos atrativos trabalham na alta temporada com sua capacidade de visitação no limite, a qual nem sempre é calculada em função das fragilidades ambientais. Conforme afirmam Barbosa e Zamboni (2000, p. 39), “não há estudos sobre esse potencial *(de capacidade de suporte dos atrativos)* e, mais do que isso, os atrativos em operação não contam com o respaldo de estudos científicos capazes de assegurar a sua sustentabilidade ambiental [grifos acrescentados]”.

Ao que foi observado em campo, a maioria dos atrativos trabalha com a capacidade de suporte operacional, mensurada em função da capacidade de atendimento aos turistas. Apenas uma parcela pequena, em torno de 5% dos atrativos, possui a Licença de Operação. Isto, muito embora o licenciamento ambiental já tenha sido regulamentado no Estado pela Resolução SEMADES/MS nº. 331/98 (MATO GROSSO DO SUL, 1998), que prevê todas as fases de Licença Prévia, Licença de Instalação, Licença de Operação, Renovação de Licença Prévia, Renovação de Licença de Instalação e Renovação de Licença de Operação. Uma recente ação na justiça, datada de 16 de agosto

ISSN: 1982-6125

de 2006, corrobora estas constatações. O responsável pelo fechamento temporário dos atrativos, o promotor público Luciano Furtado Loubet (2006, s.p.), explica:

> Fizemos um embargo administrativo, e criamos uma regra, implícita, que os atrativos novos só abririam com licença e os antigos fariam a sua regularização, mas o que aconteceu é que a situação não pode perdurar permanentemente, e enquanto alguns passeios obedecem as normas, principalmente quanto a limitação de pessoas e avaliação do impacto, outros, sem licença, não obedecem a nada disso, e um exemplo claro é o balneário municipal que historicamente recebia até duas mil pessoas, e com o licenciamento, teve autorização para mil pessoas, e esse é um caso real, e se considerarmos os 19 passeios licenciados, temos um público autorizado de 3,21 mil pessoas autorizadas, mas historicamente Bonito receba até doze mil pessoas nos feriados, carnaval, então, é obvio que existe um descontrole, e o licenciamento é importante.

Dias depois, uma liminar judicial anulou o embargo, com os atrativos voltando a funcionar, independente de terem sua regularização. De um modo geral, conta-se com o bom senso dos proprietários de atrativos quanto aos limites de visitação, de forma a não exceder a capacidade dos atrativos e não aceitar grupos muito grandes – desvinculando a imagem dos passeios de atividades de turismo de massa. Todavia, há que se convir que a perspectiva apresentada, está longe de ser uma premissa de simbiose, de conservação ambiental ou até mesmo de sustentabilidade turística. Caso o número de turistas aumente, quais as garantias de que não haverá a ampliação da capacidade de atendimento de forma a atender a demanda?

c) Outro caso de descompasso entre o turismo e a conservação ambiental é apontado por Sabino e Andrade (2003), em seus estudos sobre a perda de parcelas da biodiversidade em um dos atrativos de flutuação. Os autores apontam que tal perda, muito provavelmente, se deu em função do excesso de turistas. Embora os estudos apontassem para a

ISSN: 1982-6125

necessidade de redução da visitação, nada foi feito para diminuir o número de turistas, apesar dos insistentes alertas dos autores aos proprietários do atrativo, ao Ministério Público e à municipalidade.

Os exemplos levantados são apenas três, dos muitos existentes que podem comprovar a inexistência de uma relação mais profunda e efetiva entre o turismo e a conservação da natureza em Bonito. Portanto, e mesmo sem ir mais a fundo na questão, somente tais motivos são suficientes para se afirmar que o que se pratica na localidade se trata de um turismo tipicamente de natureza, organizado de forma a não parecer demasiadamente com o turismo de massa, mas ainda um pouco distante de ser um turismo classificado como ecoturismo. Com isto, levando-se em conta que Bonito é tido como um modelo de ecoturismo questiona-se: existiria na realidade essa forma de turismo? Ou seria somente um ideário para fomentar a sensação de se praticar turismo e ao mesmo tempo conservar a natureza e contribuir para o desenvolvimento social? Não se pretende neste trabalho responder todas estas questões, mas sim, propor uma reflexão sobre a questão do ecoturismo e da conservação ambiental através do turismo.

Entretanto, outros aspectos do turismo devem ser ressaltados no tocante à conservação ambiental, os quais tornam o destino, de certa forma, diferenciado dos demais: a autogestão do sistema e a organização dos guias de turismo locais.

A autogestão do sistema é possível em função do voucher único, peculiar instrumento de controle do fluxo de visitação. Embora não seja obrigatório nos municípios de Jardim e Bodoquena, o voucher é o mecanismo que garante uma possibilidade mínima de controle no número de visitantes em Bonito. O sistema foi implantado oficialmente a partir da Resolução n° 001/95 do Conselho Municipal de Turismo – COMTUR –, após uma série de negociações junto ao trade (CONSELHO, 1995). Uma das vantagens que apresenta é a possibilidade da prefeitura de controlar a arrecadação de impostos gerados

ISSN: 1982-6125

pelo turismo nos atrativos e nas agências, já que os talões de *voucher* são numerados e entregados pela municipalidade às agências. De forma acessória, o sistema também auxilia no controle de visitação dos atrativos. Na maioria dos casos, os atrativos não recebem turistas que não sejam oriundos das agências de receptivo, que emitem os *vouchers*. Entretanto, pode-se perceber em campo que alguns dos atrativos, em determinadas ocasiões na alta temporada, excediam os volumes máximos de visitação estipulados em seus estudos de capacidade de carga, de forma a não deixar de atender o turista. Outra exceção do sistema fica por conta dos balneários particulares, que não operam sob a mesma lógica, e que também por isso, acabam por exceder o número de visitantes quando estes aparecem em maior quantidade. Um exemplo clássico é o feriado de Carnaval.

Anteriores ao *voucher*, os guias de turismo são parte importante do sistema turístico de Bonito. Sua atividade foi regulamentada no município por meio do Decreto n° 011/95, que obriga seu acompanhamento nos passeios. A regulamentação tinha por objetivo ampliar a participação dos guias locais nos pacotes turísticos oriundos dos grandes centros urbanos e culminou em auxiliar na conservação da natureza. Isso porque os guias locais têm alguma consciência da importância da conservação do ambiente e da manutenção do turismo, o que se percebe por meio de suas preleções junto aos turistas em seu trabalho de interpretação e conscientização ambiental.

Considerando os diversos aspectos que marcam a evolução do turismo em Bonito, cabe ressaltar o aumento inicial nos fluxos de visitação e por conseqüência, no número de atrativos. Em 1991, eram em torno de seis, passando para quatorze em 1995. Atualmente, considerando todos os atrativos abertos, fica difícil apontar qual a dimensão total de passeios possíveis de se fazer no destino. Sobretudo porque os municípios de Bodoquena e Jardim não possuem um controle rigoroso sobre os que estão em funcionamento. Somente os dados da Central do Imposto Sobre Serviços de Qualquer Natureza de Bonito (BONITO, 2005) apontam para um total de 134 possibilidades distintas

ISSN: 1982-6125

de passeios. Mesmo considerando apenas Bonito, o número de passeios não corresponde ao número de atrativos em funcionamento, dado que em um mesmo atrativo podem ser executados diversos roteiros distintos, configurando produtos diferentes. Percebeu-se em campo que esse número pode superar a casa dos cento e cinqüenta passeios, entre formais e informais. Dos diversos tipos de atividades de natureza que podem ser realizados em Bonito, destacam-se os roteiros de flutuação, mergulho, trilhas – para visualização da mata ciliar, fauna, cachoeiras e cavernas –, passeios de bote, bóia cross e balneários (Figura 2). Além destes, podem ser realizados também roteiros a cavalo, quadriciclo, bicicletas, focagem noturna de animais, arborismo e outras opções.

Figura 2 – Alguns dos roteiros de Bonito e região. (1) Mergulho no Abismo Anhumas; (2) Bóia Cross no Rio Formoso; (3) Vista aérea do Rio Sucuri; (4) Gruta do Lago Azul, cartão posta oficial do Estado de Mato Grosso do Sul; (5) Pôr-do-sol em Bonito, com o belo contraste entre as cores do céu e os pés de Bocaiúva ao horizonte; (6) Flutuação no Rio Olho d'Água, na região do rio conhecida como vulcão – uma das muitas nascentes da Serra da Bodoquena.
Fonte: Foto 1 - Gustavo Krauze; Foto 2 - do autor; Foto 3 - José Sabino; Foto 4 - do autor; Foto 5 - do autor; Foto 6 - <http://www.riodaprata.com.br>.

As possibilidades permitem atender uma grande diversidade de perfis de consumo dos turistas. A tabela 1 apresenta dados de visitação de alguns dos principais atrativos de Bonito.

Tabela 1 – Alguns dos principais atrativos de Bonito e seus respectivos fluxos anuais de visitação (O ano de pico da visitação de cada atrativo está em destaque).

ATRATIVO	FLUXO ANUAL DE VISITANTES									
	1996	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005
Aquário Natural	17.045	19.474	20.294	26.480	21.805	23.632	22.859	23.645	17.314	13.666
Balneário Municipal	3.703	12.366	6.343	9.328	8.130	5.909	7.998	6.792	5.916	10.378
Cachoeira do Aquidaban	1.471	2.033	1.435	1.381	1.714	2.021	690	351	343	205
Gruta do Lago Azul	32.937	33.909	36.212	43.907	43.771	46.056	51.078	48.364	44.014	45.116
Rio do Peixe	8.646	12.059	12.805	15.200	11.348	11.126	13.696	12.389	11.699	10.000
Rio Sucuri	11.119	13.849	16.171	23.873	20.581	18.723	21.530	15.453	11.482	2.879
Rio da Prata[3]	6.230	7.814	3.631	968	123	145	149	12.083	16.588	13.515
Abismo Anhumas	-	-	-	535	1.558	1.235	751	738	909	720
Estância Mimosa	-	-	-	2.239	3.762	8.321	12.939	13.080	11.293	11.207
Gruta de São Miguel	-	-	-	117	7.119	6.432	8.847	11.894	8.950	5.756
Bóia Cross	-	-	-	-	-	-	-	2.683	6.325	8.130
Buraco das Araras[4]	-	-	-	-	-	-	-	1.272	3.260	3.327

Fonte: Lobo (2006)

Os dados oficiais da municipalidade sobre o fluxo de visitação não permitem identificar o número total de turistas recebidos anualmente, quer no município, quer na região. Isso porque, apesar do *voucher* ser obrigatório para todos os passeios, é preciso lembrar que cada turista faz mais que um passeio

[3] Localizados em Jardim, MS. Neste sentido, o volume de visitantes pode ser ainda maior, já que os dados correspondem ao total de turistas que acessaram o atrativo via agências de Bonito, controladas pelo *voucher*. Mas os atrativos atendem também turistas oriundos por Jardim.

ISSN: 1982-6125

a cada vez que viaja para a região. Um outro caminho seria por meio da Ficha Nacional de Registro de Hóspedes – FNRH. Mas os turistas também utilizam meios de hospedagem extra-oficiais, e mesmo nos hotéis e pousadas, nem todos têm o hábito de usar a ficha.

A Associação dos Proprietários de Atrativos Turísticos de Bonito e Região – ATRATUR – estima que o município de Bonito tenha recebido aproximadamente setenta mil turistas anuais, entre os anos 2005 e 2006. Não existem dados semelhantes para os municípios de Jardim e Bodoquena, igualmente visitados em função do turismo de natureza, mas em uma escala bem mais reduzida.

Mesmo sem a existência de um total exato, a tabela 1 apresenta alguns dados que permitem extrair conclusões sobre a flutuação no total de chegadas na região. Desde 2002 os fluxos vêm diminuindo de uma forma geral, com raras exceções. A queda no total de visitas da Gruta do Lago Azul, o mais visitado de todos, retrata esta situação. Por outro lado, o total de chegadas de turistas estrangeiros no Brasil no período entre 2002 e 2005, apresentou um crescimento médio de 12,33% ao ano, sem que houvesse diminuição do fluxo de visitantes em nenhum dos períodos (BRASIL, 2006). Conforme observado, a retração ocorrida em Bonito não pode ser entendida como um fenômeno nacional, dado que de uma forma geral houve um aumento no número de turistas. Assim, questiona-se: teria o turista perdido seu interesse pela Serra da Bodoquena? Será que o município de Bonito, como a maior atratividade regional, deixou de ser Bonito aos olhos dos turistas?

Muitos fatores, endógenos e exógenos, certamente estão envolvidos na conjuntura de tendência de estagnação do turismo. Para justificar essa diminuição, levanta-se e comenta-se aqui uma hipótese. O turismo na Serra da Bodoquena se encontra nos limites de crescimento apontados por Butler (apud RUSCHMANN,2004), que postula que as destinações turísticas, em média depois de dez anos do início de seu desenvolvimento, tendem à estagnação e

ISSN: 1982-6125

ao declínio se alterações drásticas no posicionamento do produto no mercado não forem realizadas.

Além dos fluxos de visitação observados, a mudança nos padrões de comunicação visual do material de propaganda de vários atrativos denota uma preocupação com o reposicionamento do produto no mercado. Muitos deixaram de lado a imagem de jovens em contato com a natureza, passando a utilizar a imagem de famílias fazendo trilhas ou visitando cachoeiras. Sem dúvida, uma nova estratégia para tentar atrair outros grupos de turistas.

Uma outra questão que pode influenciar na tomada de decisão dos turistas a vir ou não a escolher o destino sob análise é o preço dos atrativos (Tabela 2). Swarbrooke e Horner (2002) apontam o preço como um fator determinante da viagem, que influencia se e para onde o turista irá viajar. A natureza em Bonito, carregada do ideário de ecoturismo e de paraíso na terra, está longe de ter um preço que possa ser chamado de acessível à maioria da população brasileira.

Tabela 2 – Preços praticados em alguns dos principais atrativos turísticos de Bonito

ATRATIVO	**VALOR (R$) Baixa Temporada**	**VALOR (R$) Alta Temporada[4]**
Abismo Anhumas	Rapel com flutuação, valor por pessoa: R$ 330,00; Rapel com mergulho, valor por pessoa: R$ 480,00.	Rapel com flutuação, valor por pessoa: R$ 330,00; Rapel com mergulho, valor por pessoa: R$ 480,00.
Aquário Natural	Adultos: R$ 89,00; Criança até 12 anos: R$ 69,00	Adultos: R$ 145,00; Criança até 12 anos: R$ 104,00.
Balneário Municipal	10,00	10,00
Bóia cross	30,00	30,00
Buraco das Araras	25,00	25,00
Cachoeira do Aquidaban	65,00	65,00
Estância Mimosa	54,00	65,00
Gruta do Lago Azul	25,00	25,00
Grutas de São Miguel	32,00	32,00
Rio da Prata	93,00	117,00
Rio Sucuri	90,00	115,00

Fonte: Lobo (2006)

[4] O período definido como alta temporada acompanha a temporada de verão, o calendário escolar e os feriados móveis nacionais, sendo anualmente divulgado pelo COMTUR de Bonito para o ano seguinte.

ISSN: 1982-6125

Os valores praticados nos atrativos e equipamentos turísticos locais podem se justificar por diversos fatores. A própria manutenção do sistema turístico regional requer um alto custo, dada sua complexidade e abrangência. O valor pago pelo turista em cada roteiro é distribuído entre o proprietário do atrativo, o guia, taxas de seguro, percentual da agência de receptivo, transportes, impostos locais, fundo municipal do turismo e outros intermediários do sistema. Tais preços vão ao encontro do que afirmam trabalhos como os de Diegues (2000), Cobra (2001) e Lobo *et al.* (2007), os quais demonstram que o turismo praticado em áreas naturais, principalmente aquele que é chamado de ecoturismo, tende a ser elitista e socialmente excludente.

Moura e Mariani (2007) afirmam que o aumento do preço na Gruta do Lago Azul, ocorrido em novembro de 2003[5], pode ser considerado o responsável pela diminuição no número de visitantes no atrativo. Entretanto, considerando o período entre 2003 e 2005, pode-se perceber que um terço dos atrativos apresentados na tabela apresentou acréscimo no volume de visitação. Assim, conclui-se também que o preço não é, necessariamente, o fator preponderante que governa a queda no número de visitantes na região – até porque os atrativos que tiveram aumento no volume de visitantes não tiveram seus preços reduzidos no período.

Por outro lado, pode-se dizer que estes valores são compatíveis com as expectativas do *trade* local, que aposta no destino Bonito para o turismo internacional e para os ecoturistas brasileiros. Também é compatível com o poder aquisitivo destes ecoturistas. Diversas pesquisas já foram realizadas no sentido de traçar o seu perfil sócio-econômico. A tabela 3 apresenta uma compilação dos resultados de algumas destas pesquisas, apresentando situações dentro e fora da região, com ênfase nas variáveis escolaridade e renda mensal.

[5] Antes desta data, o valor da entrada no atrativo era de R$10,00.

ISSN: 1982-6125

Tabela 3 – Nível predominante de escolaridade e renda dos ecoturistas no Brasil

LOCALIDADE	FAIXAS PREDOMINANTES (Estrato dentro da Variável e Percentual)	
	ESCOLARIDADE	RENDA MENSAL
PARNAs Itatiaia, Aparados da Serra, Marinho de Fernando de Noronha, Caparão, Foz do Iguaçu, Chapada dos Veadeiros, Pantanal; PE Jalapão; Manaus-AM e Brotas-SP	Superior completo (57%)	Entre R$2.500,00 e R$5.999,00 (34%)
PARNA Itatiaia-RJ	Superior completo (61%)	Acima de R$3.800,00 (27%)
APA Guaraqueçaba-PR	Superior completo (48%)	Acima de R$4.000,00 (30,97%)
Monumento Natural Gruta do Lago Azul, Bonito-MS (Caverna)	Superior completo (48%)	Acima de R$4.000,00 (51%)
RPPN Fazenda São Geraldo – Rio Sucuri, Bonito-MS (Flutuação)	Superior completo (60,6%)	Acima de R$5.000 (26,7%)
Estância Mimosa Ecoturismo, Bonito, MS (Trilha com cachoeiras e banho de rio)	Superior completo (67,7%)	Acima de R$5.000 (35,3%)

Fonte: Kadota et al. (2004); Niefer (2004); Cunha (2007); Moraes et al. (2007); Souza (2007); Yasunaka (2006).

Por meio da análise dos dados da tabela 3, percebe-se que os valores cobrados pelos atrativos – apresentados na tabela 2 – não são exorbitantes se considerado o seu público-alvo. Esta análise se confirma ainda mais ao se conhecer suas preferências de hospedagem e alimentação na cidade, predominando os estabelecimentos hoteleiros e pousadas de luxo, bem como os restaurantes de comida típica. Também é considerável a parcela de turistas que viajam até Bonito com seu carro particular (CUNHA, 2007; SOUZA, 2007). Outra análise possível de se subtrair dos dados revela o estágio de desenvolvimento do destino turístico Bonito dentro da curva proposta por Butler (apud RUSCHMANN, 2004). Apesar da hipótese levantada anteriormente, sobre o possível declínio no número total de turistas no destino, percebe-se pelo estrato social do público que o freqüenta que este pode até se encontrar em uma fase de estagnação, mas não de declínio. O tipo de turistas que visitam o destino – de alto grau de escolaridade e poder aquisitivo – busca vivenciar experiências mais exclusivas, que denotem *status*

ISSN: 1982-6125

social, típico de destinos turísticos que se encontram no auge de seu desenvolvimento. Assim, a questão do declínio do número de visitantes nos atrativos precisa ser analisada de forma mais específica e profunda, não encontrando subsídios para uma resposta definitiva com os aspectos e parâmetros analisados.

Por fim, os dados da tabela 3 permitem a comparação entre o perfil dos ecoturistas de Bonito com outros pólos ecoturísticos brasileiros. Em suma, os perfis são semelhantes ao que tange o nível de escolaridade predominante – superior completo –, girando em torno de 60% nas amostras consideradas. A exceção fica por conta da Gruta do Lago Azul, onde este nível de escolaridade atinge 48%. Quanto aos rendimentos mensais, as médias predominantes nos atrativos de Bonito identificados é até mesmo superior à dos ecoturistas dos demais pólos analisados, com percentuais representativos das amostras atingindo valores superiores aos 11 e 13 salários mínimos mensais. Nos demais atrativos, os valores predominantes oscilam acima dos 6,5 salários mínimos, sendo a média mínima corresponde à apenas 59% da média mínima de Bonito.

Conclusões

O turismo desponta em Bonito como uma atividade econômica e uma alternativa de vida viável para as comunidades locais. Apesar de alguns aspectos negativos, como a sazonalidade, a dependência dos modismos de consumo e as alterações que causa nos ambientes com os quais interage, o turismo se apresenta como uma atividade menos predatória e problemática que outras formas de produção territorial e de consumo dos recursos que utiliza. Mas, para que o turismo de natureza se mantenha por mais tempo, limites quantitativos e qualitativos – sobre o quê e como fazer – precisam ser estabelecidos de forma técnica e científica.

ISSN: 1982-6125

Os territórios turísticos ensejam diversas territorialidades, umas mais consolidadas, algumas efêmeras, outras em fase de afirmação. Elas são geradas pelas possibilidades de interação entre os turistas e o ambiente, o que resulta em identidades turísticas diferenciadas. Em Bonito, diversas territorialidades turísticas são produzidas simultaneamente, tendo a natureza como principal identidade geradora. Esta imagem de turismo de natureza é apresentada sob a roupagem de ecoturismo, com vistas à sustentabilidade ecológica e ambiental.

Entretanto, a breve análise de alguns poucos aspectos da produção do turismo em Bonito permite afirmar que o turismo ali desenvolvido não se aproxima tanto do ideário de ecoturismo. Para que um dia o turismo em Bonito seja merecedor do título de ecoturismo – numa perspectiva mais ampla de análise – os aspectos sociais, culturais, ecológicos, econômicos e políticos precisam ser igualmente privilegiados. Trata-se na verdade de uma perspectiva que precisa ir além do turismo, de forma a não separá-lo das demais relações socioambientais existentes.

Retoma-se também a questão da imposição de limites às intervenções ao ambiente, de forma a não corroborar com a artificialização total da natureza. Moretti (2001) levanta um alerta sobre a questão, comentando que o turista, de um modo geral, busca a artificialidade, pois quer ver a natureza intocada sem abrir mão do conforto da vida urbana. Por outro lado, entende-se que a hiper-estruturação não é ponto necessário para a implantação de uma atividade ecoturística. Na perspectiva apresentada, quanto menor for a quantidade de interferências ao ambiente, melhor vai ser a experiência ecoturística final que ele poderá proporcionar. De uma forma geral, o que se propõe aqui vai exatamente de encontro ao sistema que domina nos principais atrativos da Serra da Bodoquena. Pelo modelo dominante, a artificialização é ponto necessário, sob o pretexto da segurança e da qualidade no produto. Certamente, segurança é ponto pacífico nessa discussão. Não se preconiza aqui um turismo que não apresente as condições mínimas de acesso seguro.

ISSN: 1982-6125

Todavia, não se deve sobrecarregar um determinado ambiente de feitorias e outros sistemas artificiais, sob o pretexto de que tudo isso é voltado à segurança do turista.

Mas a artificialização é aqui questionada quando feita em nome da qualidade. Isso porque não se entende que experiências padronizadas e paisagens transformadas sejam sinônimos diretos de qualidade. O turista, muitas vezes, está em busca de experiências distintas, de novas formas de interação com a natureza. Se todos os atrativos naturais recebessem os mesmos tipos de estruturas de visitação, a essência de cada um poderia ser reduzida à mesmice, ao padrão comum. Seria a repetição de uma tendência que leva a perda de identidade, o que já ocorre em diversas outras instâncias do turismo, em nome da criação de padrões de atendimento.

A qualidade, aqui também defendida, aponta para outra direção, oposta ao modelo vigente. Ela é construída por meio de experimentações diferenciadas de ambientes inusitados como a natureza de Bonito, explorando suas características particulares nos produtos turísticos. Todo o imaginário que a cerca precisa ser aproveitado, considerando a estética, a adversidade, a variedade e o caos, que são próprios da natureza. A ampliação das oportunidades de cognição e de vivência dos turistas com o ambiente natural amplia a sua percepção quanto ao turismo como um momento extraordinário e sagrado na vida das pessoas, tal qual postulou Graburn (1995).

Por fim, levantam-se algumas questões ao final desta pesquisa, como forma de contribuir no fomento às próximas discussões sobre o tema. Considerando as falhas apontadas dentro da perspectiva da produção do turismo em Bonito, sob o ponto de vista ecológico e ambiental, seria possível afirmar que o ecoturismo é, também, uma utopia? E por outro lado, levando-se em conta que as tendências numéricas mostram que o total de chegadas em Bonito estaria diminuindo, seria esta a oportunidade de aproximar o destino ainda mais de um provável ecoturismo? E se o fluxo turístico no município diminuir ao ponto da inviabilidade comercial, a frágil natureza local

ISSN: 1982-6125

estará ameaçada por perder sua utilidade mercadológica? São questões que podem respondidas por reflexões futuras, de forma a ampliar os debates sobre a conservação ambiental e sustentabilidade ecológica do ecoturismo em Bonito, MS – bem como em outros lugares inusitados do mundo.

Referências

BARBOSA, M.A.C.; ZAMBONI, R.A. **Formação de um *cluster* em torno do turismo de natureza sustentável em Bonito – MS.** Brasília: Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão/Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, 2000.

BIHR, A. **Da grande noite à alternativa:** o movimento operário europeu em crise. São Paulo: Boitempo, 1999.

BOGGIANI, P.C. Ciência, meio ambiente e turismo em Bonito: a combinação que deu certo? In: BANDUCCI JÚNIOR, Á.; MORETTI, E.C. (Orgs.). **Qual paraíso?** Turismo e ambiente em Bonito e no Pantanal. São Paulo: Chronos/UFMS, 2001.

BONITO (Município). **Decreto n° 011/95.** Dispõe sobre a regulamentação da lei n° 689/95, de 12 de abril de 1995. Bonito: Prefeitura Municipal, 1995.

_____. Central do Imposto Sobre Serviços de Qualquer Natureza. **Total de visitantes por passeio.** Bonito: Central do ISSQN, 2005.

BRASIL. MMA. MICT. IBAMA. EMBRATUR. **Diretrizes para uma política nacional de ecoturismo.** Brasília: EMBRATUR, 1994.

_____. MTur. EMBRATUR. **Anuário estatístico EMBRATUR.** Brasília: EMBRATUR, 2006.

COBRA, M. **Marketing de turismo.** 2.ed. São Paulo: Cobra, 2001.

CONSELHO MUNICIPAL DE TURISMO DE BONITO. **Resolução normativa n° 001/95:** voucher único. Bonito: COMTUR, 1995. Disponível em < http://www.bonito-ms.com.br/site/comtur-legislacao1.asp?id=4>. Acesso em 16 ago. 2006.

CUNHA, F.M. **Análise do perfil do turista e sua percepção quanto aos impactos gerados pela visitação turística ao Monumento Natural Gruta do Lago Azul, Bonito-MS**. 2007. Relatório (Iniciação Científica em Turismo), Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Dourados, 2007.

DIAS, R. **Turismo sustentável e meio ambiente.** São Paulo: Atlas, 2003.

DIEGUES, A.C.S. **O mito moderno da natureza intocada.** 3.ed. São Paulo: Hucitec, 2000.

ISSN: 1982-6125

GRABURN, N. H. H. Tourism: the sacred journey. In: SMITH, V. (Org.) **Hosts and guests:** the anthropology of tourism. Philadelphia: University of Pennsylvania, 1995.

GRECHI, D.C. **Resgate histórico do sistema de gestão do turismo em Bonito – MS.** 2002. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Sustentável), Universidade de Brasília, Brasília, 2002.

IGNARRA, L.R. **Fundamentos do turismo.** São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2002.

KADOTA, D.; HADDAD, E.; RABAHY, W.A. Aspectos do ecoturismo: perfil do turismo praticado em parques nacionais e áreas naturais conservadas. **Turismo em números.** Caderno de estatísticas, São Paulo, v. 35, 2004.

LOBO, H.A.S. **O lado escuro do paraíso:** espeleoturismo na Serra da Bodoquena. 2006. Dissertação (Mestrado em Geografia), Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Aquidauana, 2006.

_____.; PEREIRA, C.H.; ALMEIDA, J.B. Patrimônio para quem? Os turistas que visitam a Gruta do Lago Azul – Bonito, MS. In: SEABRA, G.; BARBOSA, J.M.; NEU, C.; MENDONÇA, I.T. **Anais do X Encontro Nacional de Turismo em Base Local.** João Pessoa: ENTBL, 2007, p. 1361-1369.

LOMBA, G. **Revelando o invisível:** o mundo do trabalho na atividade turística em Bonito, MS. 2004. Dissertação (Mestrado em Geografia), Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Dourados, 2004.

LOUBET, L.F. **Esperar 3 anos não é bom senso, não sei o que é, diz Loubet.** Bonito, 16 ago. 2006. Entrevista concedida a Alexsandro Loyola. Disponível em <http://www.midiamax.com/view.php?mat_id=234505>. Acesso em 17 ago. 2006.

MARIANI, M.A.P. **Turismo e meio ambiente no paraíso das águas.** Campo Grande: UCDB, 2003.

MATO GROSSO DO SUL. **Resolução SEMADES/MS nº. 331/98**, regulamenta o licenciamento ambiental dos empreendimentos turísticos de Mato Grosso do Sul. 1998.

_____. IPLAN. COREDES. UEMS. FAPEMS. **Plano regional de desenvolvimento sustentável da região Sudoeste.** Campo Grande: SEPLANCT, 2002.

MORAES, E.A.; VILLELA, L.B.; SARAYBA, L.S.P. Planejamento recreativo em unidades de conservação: um enfoque no perfil e na experiência do visitante. In: SEABRA, G.; BARBOSA, J.M.; NEU, C.; MENDONÇA, I.T. **Anais do X Encontro Nacional de Turismo em Base Local.** João Pessoa: ENTBL, 2007. p. 953-960.

MORAIS, V.L.; CASTRO, V.M. Turismo e inclusão social: reflexões e perspectivas. In: ENCONTRO Nacional de Turismo com Base Local. **Anais eletrônico.** Recife:ENTBL, 9, 2005.

ISSN: 1982-6125

MORETTI, E.C. Atividade turística: produção e consumo do lugar Pantanal. In: BANDUCCI JÚNIOR, Á.; MORETTI, E.C. (Orgs.). **Qual paraíso?** Turismo e ambiente em Bonito e no Pantanal. São Paulo: Chronos/UFMS, 2001.

MOURA, F.N.; MARIANI, N.A.P. Turismo com base regional e local: reflexões teóricas e conflitos na gestão de territórios turísticos no Mato Grosso do Sul. In: SEABRA, G.; BARBOSA, J.M.; NEU, C.; MENDONÇA, I.T. **Anais do X Encontro Nacional de Turismo em Base Local.** João Pessoa: ENTBL, 2007, p. 1051-1059.

NIEFER, I.A. Análise do perfil dos visitantes da APA (Área de Proteção Ambiental) Guaraqueçaba – PR – Base para o planejamento ecoturístico. **Turismo visão e ação.** Itajaí, v. 6, n. 1, p. 45-67, jan.-abr. 2004.

PIRES, P.S. **Dimensões do ecoturismo.** São Paulo: SENAC, 2002.

PORTO-GONÇALVES, C.W. **Da geografia às geo-grafias:** um mundo em busca de novas territorialidades. Associação Brasileira de Geógrafos – AGB. [s.l]: AGB, 2004. Disponível em <http://www.cibergeo.org/agbnacional/documentos/textoaberto63.html>. Acesso em: 23 out. 2005.

REJOWSKI, M.; YASOSHIMA, J.R.; STIGLIANO, B.V.; SILVEIRA, A.S. Desenvolvimento do turismo. In: REJOWSKI, M. (Org.) **Turismo no percurso do tempo.** 2.ed. rev. e ampl. São Paulo: Aleph, 2005.

RUSCHMANN, D.M. **Turismo e planejamento sustentável:** a proteção do meio ambiente. 11.ed. Campinas: Papirus, 2004.

SABINO, J.; ANDRADE, L.P. Uso e conservação da ictiofauna no ecoturismo da região de Bonito, Mato Grosso do Sul: o mito da sustentabilidade ecológica no Rio Baía Bonita (Aquário Natural de Bonito). **Biota neotrópica**, v. 3, n. 2, 2003. Disponível em: <http://www.biotaneotropica.org.br/v3n2/pt/abstract?point-of-view+BN00403022003>. Acesso em 28 dez. 2005.

SALVATI, S.S. **Apostila do curso de capacitação de monitores ambientais do Vale do Ribeira.** São Paulo: Ing_Ong, 2000.

SOARES, M.; PIRES, P.S. O interesse pela observação de aves como alternativa para o turismo em bases sustentáveis no litoral Centro-Norte de Santa Catarina. **Turismo visão e ação.** Itajaí, v. 6, n. 1, p. 09-25, jan.-abr. 2004.

SOLDATELI, M. Impactos ambientais negativos no contexto do turismo de natureza. In: TRIGO, L.G.G.; PANOSSO NETTO, A.; CARVALHO, M.A.; PIRES, P.S. (eds.) **Análises regionais e globais do turismo brasileiro.** São Paulo: Roca, 2005.

SOUZA, H.A.S. **Análise da percepção ambiental dos turistas na Reserva Particular do Patrimônio Natural Fazenda São Geraldo (Rio Sucuri) – Bonito, MS.** 2007. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Turismo), Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Dourados, 2007.

ISSN: 1982-6125

SPINK, M.J.P.; ARAGAKI, S.S.; ALVES, M.P. Da exacerbação dos sentidos no encontro com a natureza: contrastando esportes radicais e turismo de aventura. **Psicologia:** reflexão e crítica. Porto Alegre, v. 18, n. 1, p. 26-38, 2005.

SWARBROOKE, J. **Turismo sustentável:** conceitos e impacto ambiental. 3.ed. Tradução Esther Eva Horovitz. São Paulo: Aleph, 2002.

_____.; HORNER, S. **O comportamento do consumidor no turismo.** Tradução Saulo Krieger. São Paulo: Aleph, 2002.

THOMAS, K. **O homem e o mundo natural:** mudanças de atitude em relação às plantas e aos animais, 1500-1800. Tradução João Roberto Martins Filho. São Paulo: Companhia das letras, 2001.

VARGAS, I.A. A gênese do turismo em Bonito. In: BANDUCCI JÚNIOR, Á.; MORETTI, E.C. (Orgs.). **Qual paraíso?** Turismo e ambiente em Bonito e no Pantanal. São Paulo: Chronos/UFMS, 2001.

WEARING, S.; NEIL, J. **Ecoturismo:** impactos, potencialidades e possibilidades. Manole: Barueri, 2001.

YASUNAKA. G.S. **Análise da demanda turística da Estância Mimosa Ecoturismo - Bonito/MS**. 2006. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Turismo), Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Dourados, 2006.

BIBLIOGRAFIA

BATARCE, A.P.A. **Unidades de conservação e produção do espaço:** O Parque Nacional da Serra da Bodoquena. 2004. Dissertação (Mestrado em Geografia), Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Dourados, 2004.

BENI, M.C. Conceituando turismo rural, agroturismo, turismo ecológico e ecoturismo. In: BARRETTO, M.; TAMANINI, E. (Orgs.). **Redescobrindo a ecologia no turismo.** Caxias do Sul: EDUCS, 2002.

MIRANDA, E. E. (Coord.). **Brasil em relevo.** Campinas: Embrapa Monitoramento por Satélite, 2005. Disponível em <http://www.relevobr.cnpm.embrapa.br>. Acesso em 11 jun. 2006.

Artigo recebido em janeiro de 2008.
Aprovado para publicação em fevereiro de 2008.